

Ruy Ventura

noite nascente

o arquivo de
Renato Suttana

http://www.arquivors.com/ruy_noitenascente.pdf

2007

*“Para venir a lo que no eres,
has de ir por donde no eres.”*

S. Juan de la Cruz

I

[Vale do Tejo]

a imagem caminha –
sem fechar os olhos.
atravessa o rio
sem ver na alma
mais do que a madeira
carcomida.
sem tempo, a mão dissolveu
o mundo que continha.
quis guardar para si
a nudez da árvore,
a pureza da tinta
nesse corpo
sereno.

*

os sinos calaram a passagem.
acolheram lágrimas e fome –
erva crescendo por entre os dedos.

*

trasladaram o trigo e o fermento
com que foste diminuindo
a nossa sede.
só não quiseram levar o calor
do vinho eterno.
a barca era demasiado estreita.

*

que força carregou essa lembrança
até ao eixo desta terra?
sem memória, o outono
encobre esta viagem, a luz dos círios
descendo até ao rio.

*

longe do mar, o lodo
conservou o leme que soube
conduzir esse corpo sem água.

*

gravaram sobre a rocha
o calor do sol
e a sombra da figueira
seca –
depois do sangue derramado.

*

ao longe, a torre ameaça ruir.
(levaram há muito a imagem.)
só a inscrição permanece
sobre a porta.
distante, o ataúde recuperou
o horizonte.

*

há palavras que não consigo traduzir –
rostos que mal adivinham
o centro da corrente.
a areia prende
e afunda
as portas que ninguém sabe fechar.

*

o rochedo divide
a cidade que nunca poderemos ver.
a estrada estende
essa noite a todo o campo.
ninguém vagueia por aqui.
o pescador adormeceu
junto à nascente.

*

a espiga divide, sob a torre,
esses olhos sem tempo.

que existiria no cume da montanha?
o telhado não responde.
nem o véu escondendo esta água.

*

a cinza cobre
a margem esquerda.
mas não este corpo.
a barca transporta palavras acesas
que nunca escutaremos.

*

a luz desfaz na água
os passos e a terra.
mesmo durante a noite, o vento
arrasta folhas
para este livro que não podemos ler.

*

a água dissolve a margem

e este braço.
coloca sobre a pele
o lume
que um dia a acolheu –
e o movimento que a tarde
não consegue negar-lhe.

*

pássaros e sombras
colocam no centro da ilha
tábuas e muito silêncio
em que a memória se bifurca.

*

a linha desconhece esta presença.
o padrão (se existiu) foi engolido
pela velocidade com que passaram.
a água inundou a sombra
da torre. o fogo queimou
tudo quanto restara.

*

quando poderei receber
a imagem
nesta casa?

*

sobre o lençol, a cabeça
deixa cabelos e memórias,
vestígios de lágrimas –
e a poeira do caminho.

*

sei de palavras.
mas nenhum grito nos aproxima
da derradeira estação.

*

não como rosas
nem sinto entre os dedos a flor

da farinha
com que alimentaste
a nossa alma.

*

nascem vozes
sobre a água.
desenham navios
na pedra afeiçoada
que os teus olhos
quiseram talhar.

*

que odor libertará
essa mão
quando dissolver o tesouro
para elevar
o brilho da madeira?

*

colocarei o teu corpo
junto à margem
para melhor atravessar
até à nascente.

*

a tarde
sepulta
o último grito.
morrerão
neste lugar
o pão da terra,
a inteira loucura
do incêndio?

II

[Serra de São Mamede]

passo nesta noite
sob o local do nascimento
ao contemplar a fechadura desta porta.
a mão esquerda entrega
algumas palavras –
um instinto de morte
abrindo sempre para essa felicidade
que o transforma.

*

impede-nos de ver
o princípio de toda a realidade que nos cerca.
há objectos dentro deste nevoeiro.

com nitidez, vemos uma porta
e, na porta, uma pequena alegria.

*

nenhuma arquitectura
será suficiente
para ler esse lugar
subitamente interrompido.
uma voz veio de longe,
do fundo dos tempos.
traça dentro deste corpo
linhas que ninguém pode decifrar.

*

perturbou-se essa voz
durante a noite.
quis encontrar
outras viagens,
mesmo as que tinham, à partida,
uma meta conhecida.

*

a árvore cresceu
dando apenas a adivinhar
suas raízes. a terra
nasce dentro destes símbolos.

*

a mão afasta-se. não consegue ler
os traços de uma estrada
tantas vezes percorrida.
não há caminhos semelhantes.
apenas veredas
por onde poderemos deambular
à procura de uma paisagem
inesperada.

*

entre a raiz e o tronco da árvore –
uma presença.
um lugar sem espaço,
ainda sem memória.
este nascimento

sem tempo nem lugar.

*

o espaço consegue estender-se.
torna-se memória
na voz que alcançámos
num dos pontos mais altos da montanha.

*

as imagens misturam-se.
vejo, talvez, dois filmes ao mesmo tempo.
o som prolonga-se.
viaja na cabeça e nos lábios
sem que consiga separar-me
do seu voo.
um corpo procura decifrar
junto do coração
o sopro que nos acompanha.

*

os fotogramas misturam-se.
alicerces e pilares
fazem adivinhar um edifício
onde guardámos
uma lápide quebrada.
as imagens continuam.
compõem outra realidade
em que os astros e a estrada
prosseguem em paralelo.

*

o texto desaparece.
foi escrito a sépia,
muito claro.
o mundo emerge.
revela imagens, sabores,
uma data impressa sobre a pele,
alicerces, estilhaços
que ficaram no cabelo.
para sempre.

*

sob a estrada, junto das águas,

observo a nossa imagem.
vestígios de sangue
consolidam (fazem oscilar)
todo o edifício.
procurámos uma cidade inteira.
encontramos a ruína.

*

cada lugar, pedaço de pele
arrancado à superfície
do nosso corpo, reserva
uma linguagem que não entendemos.

*

seremos um livro
prestes a regressar
à forma da origem?
escutamos um texto
sem legenda.
a eloquência permanece
apesar da água.

*

o mundo avança.
espero, entre a sombra e a ruína,
essa frescura –
chuva lavando a tarde
e esta ferida.

*

algumas palavras
traçam a sangue
um caminho diferente
entre duas terras que não conheço.
(nenhum isolamento nos protege.
as telhas estalam.
o tecto é desenhado pela água.
o vento e o granizo quebram
a vidraça.)

*

a rapidez da erosão desfaz
o terreno, a rocha, a estrada.

tudo.

o tronco da árvore estala durante o verão.

as perguntas ficam.

o incêndio separou dois mundos,

sem que possível fosse

analisar o sangue (ou a água).

*

o corpo desaparece

dentro da cidade.

as raízes rebentam

a calçada.

uma casa cresceu.

uma casa cresceu

mas só aqui a posso encontrar.